



RelevO

12/16

n.4 a.7 PR

Editorial

29 de novembro.

Tudo range. O tempo não se move. Morre-se por tanto tempo. E a tragédia do voo que vitimou 75 pessoas na ida da Chapecoense para a Colômbia ecoa como se a realidade fosse detentora de uma força irreconhecível, arrasadora. A narrativa não dá conta.

Na infância, quando nossos pais nos vestem com o uniforme de seus times do coração, começamos, de fato, a sentir o futebol, uma disputa bem maior do que um jogo na cultura brasileira — se trata de dramaturgia, de pulsão, de compartilhamento. José Lins do Rego, em uma famosa crônica dos anos 1940 chamada *Fôlego e Classe*, dizia que no esporte bretão há alguma coisa a mais do que bater na bola, uma disputa de pontapés. “Há uma grandeza no futebol que escapa aos requintados”.

O que chamamos de imaginário assola aos amantes do futebol e também aos indiferentes, tanto no aspecto amplo de quem avalia o esporte como um microcosmo social, quanto na percepção sanguínea de se torcer, de se vivenciar o coletivo e simpatizar com determinadas equipes, como a Chapecoense, não apenas onze jogadores contra outros onze, senão uma forma de ver o futebol ao contrário da rota: cidade pequena apaixonada pelo seu time, ambiente inóspito para os adversários, brios, organização, ascensão. As paixões

também como uma forma de dar sustento à natureza.

O que aconteceu na Colômbia é dessas fatalidades, dessas rotas tristes do mundo, acima da nossa capacidade de abarcar em sentido — também por isso nossos corações sofrem para assimilar o que houve. Ver uma equipe do interior de Santa Catarina brigando com os gigantes continentais e abatida em circunstâncias tão absurdistas é de tal forma uma dor sem tradução que nós, um mero periódico de literatura, nunca conseguiremos transcrever ou acoplar sentido em nossas páginas em luto.

O enredo segue inverossímil, inacreditável.

Tentemos ir em frente.

Uma boa leitura a todos.

Onde

Itajaí: Univali

Joinville: Univille

Londrina: UEL / UNOPAR

Ponta Grossa: UEPG

Porto Alegre: Palavraria – Livros & Cafés

São Paulo: Patuscada Bar

Sorocaba: Barracão Cultural / Biblioteca Pública Municipal / Secretaria da Cultura de Sorocaba

Quer ser um ponto de distribuição do periódico mais prestigiado pela família brasileira?

Escreva para <jornalrelevo@gmail.com>

“Como faz?”

Escreva para jornalrelevo@gmail.com e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

E, em tempos hiperconectados:

[instagram.com/jornalrelevo](https://www.instagram.com/jornalrelevo)

[facebook.com/jornal.relevo](https://www.facebook.com/jornal.relevo)

twitter.com/jornalrelevo

jornalrelevo.tumblr.com

Quem mais

A ilustração da capa dessa edição é do Bolívar Escobar – confira outros trabalhos em <www.vinteventices.com>

Por que

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa.

Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3.500 leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independentes e longe dos precatórios.

Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

Quem

Editor Daniel Zanella

Editor-assistente Mateus Ribeirete

Ombudsman Silvio Demétrio

Revisão Mateus Senna

Projeto Gráfico Marceli Mengarda

Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3.500

Edição finalizada em 02/12/16

Quanto

Anunciantes: R\$ 100 Editora Penalux; Bardo Tatára; R\$ 50 Avon; Farmácia Ehlkefarm; Fisk; Loterias Avenida; Toda Letra; Torto Bar; Corso Brancalone (total: R\$ 550)

Assinantes: R\$ 100 Sieglinda Zanella; Alvaro Borba; Luiz Taques; Antonio Aílton; R\$ 50 Lázara Papandrea; Camie Van Der Brug; Ana Cristina da Costa; Amara Moira; Cristina Seciuk; Beatriz Marques; Emerson Persona; Sandra Andréia; Gustavo Oliveira; Mitsuo Florentino; Alvaro Colaço; Cesar Carvalho; Mateus Senna; Pedro Carrano; Juliana Marques; Julliana Bauer R\$ 20 Vítor de Lerbo (total: R\$ 1.220)

Gráfica: R\$ 1.100

Distribuição: R\$ 250

Assinantes: R\$ 370

Papelaria: R\$ 80

Custos totais: R\$ 1.800

Receita total: R\$ 1.770

Balanco de nov. 2016: - R\$ 30

Cartas do Leitor

AÊ!

Alvaro Borba: Parabéns pelo trampo, gente. Adoro ler e reconhecer os nomes nesse jornal. A gente cria um tipo de relação muito especial com o **RelevO**. É uma intimidade que não dá pra ter com qualquer publicação. Isso que vocês fazem melhora muito a cidade. Mesmo. Obrigado!

Marcelo Wilinski: Caito Mainier na última edição! Palmas (com certeza).

Niura Casemiro: Muita boa essa edição de novembro!

Fernanda Benini: VAI MARCELI vai marceli VAI MARCELI

Carlos Eduardo: Em alguns meses, como em novembro, as páginas centrais do **RelevO** parecem mais provocar gente do meio cultural do que propriamente engraçada. Vocês deviam repensar isso.

Da redação: Exatamente isso, Carlos, exatamente!

Karla Keiko: O **RelevO** é um documento histórico poético. Sou fã cada vez mais.

Formas Fixas: Bem engraçado esse “Dominó do conto metalinguístico”!

Da redação: Obrigado, Formas Fixas.

OS PÊNIS VOADORES DE JOÃO LUIS JR.

Tâmara Freire Cardoso: E se eu disser que achei um texto bem elegante? “Praguejares”, por exemplo, uma inovação linguística, quiçá a la Guimarães Rosa!, pretendo adotar. Além do quê, é de se admirar alguém que se comprometa nesse tanto com os próprios devaneios. Uma pessoa comum pensaria: “caralho de asa, mas que xingamento curioso, rapaz”, mas você, corajosamente, foi lá e fez!

Ana Graziela Aguiar: O João é genial!

Helio Perroni Filho: Uma coisa me ocorreu, vendo a charge da capa e a menção a pênis voadores: quando alguém faz uma coisa “sofisticada” para que os outros vejam e pensem “oh, como ele é culto e inteligente”, isso é uma forma abstrata de sair pela rua balançando o pinto na cara das outras pessoas. Uma espécie de caralho voador cultural?

André Margoto: O que mais me admirou no excelente texto foi a forma elegante e orgânica que conseguiu encaixar o adjetivo “lovecraftiano”, principalmente em um texto sobre um falo alado.

DE ASSINAR E NÃO ASSINAR

Mitsuo Florentino: O **RelevO** comanda um baita difusor cultural e segue sempre na luta (na boa e velha

art or sullen craft que o Dylan Thomas falava), mesmo sem lucro ou coisa do tipo. É admirável.

Cid Brasil: Pra ser sincero, me surpreendeu muito mais a Enclave do que os últimos **RelevOs**, Invista mais na prosa do povo, gente!

Do editor da Enclave: Obrigado, Cid. De fato, não tem nem como comparar. Aguarde alguns meses para tomarmos conta desse jornal inteiro.

SEM LACTOSE

Rejane Machado: Acabo de receber a edição de novembro agora, o jornal ainda quentinho do forno – só passei geleia nele, porque não gosto de manteiga – e fiz meu lanche da tarde. Está muito bom, estas ilustrações valorizam demais o conteúdo que é sempre muito especial, diferente, bela diagramação. Merece maior divulgação. Vou ver com colegas aqui de RJ e SP para distribuírem mais o jornal, porque não existem mais coisas assim.

Dany Cesaro: Lendo a edição de novembro do **RelevO**, sempre em boa companhia.

Rose Cipriano: Olha a coincidência aí, Dany. Acabou de chegar o meu exemplar também!

Da redação: É bem Mercúrio em oposição a Vênus retrógrado com Saturno na casa 6 acontecer esse tipo de coisa, né?

Enclave

#40 O Codex Leicester, também batizado de Codex Hammer, é o mais famoso caderno científico de Leonardo da Vinci. No decorrer de 72 páginas, o manuscrito, que apresenta a característica escrita espelhada do autor, aborda temas como astronomia, as propriedades da água e de fósseis. Além disso, as observações são apoiadas por desenhos e diagramas do italiano.

Desde a morte de seu autor, em 1519, poucos foram os seus donos. Após mais de duzentos anos nas mãos da mesma família, o manuscrito foi adquirido em leilão por mais de 5 milhões de dólares pelo empresário Armand Hammer, em 1980. Hammer investiu na tradução do documento para o inglês, contratando para o projeto o historiador italiano Carlo Pedretti, que precisou de sete anos para finalizá-lo.

Em 1994, novamente o documento foi colocado à venda em leilão. Dessa vez, acabou vendido por mais de 30 milhões de dólares, fazendo do manuscrito o mais caro da história. O comprador? Bill Gates. Três anos após comprá-lo, o fundador da Microsoft o escaneou e o tornou acessível ao público. Partes do códice podem ser folheadas online e é possível comprar uma versão digital por 20 euros.

DIOGENES FROM SAN DIEGO

Patrícia Lino

Que interessa se o menino não leu Rilke
 quem quer saber o que o menino viajou
 que importa se o menino não sabe chinês
 tanto me dá se o menino conhece os gregos
 com quem ou não se dá e quantos empregos
 ele tem ou não tem onde foi pai e é freguês
 se o menino não conhece a teoria das cordas
 & o poeta mais *recent*. *If he talks proper english*
if he doesn't se quer vir comigo à Amazônia
 tomar sol comer açaí esperar uma pororoca
 quantas mulheres viu como as beijava de boca
 o menino que idade tem quantos cursos tirou
 filosofia nenhum engenharia mecânica SPB
 ninguém sabe o que é a literatura ó pai e o futuro
 ó mãe e a casa e os filhos a maçã no forno e oh
 o menino escreve crônicas poemas mesmo o quê
 se já leu os Goliardos se emprega bem *sine qua non*
sine qua non eu sem o menino e o menino sem mim
 se lê Dante em italiano que $3736 \times 4328 = a 16169408$
 e o que é um ditirambo e que cores tem um chupim
molothus bonariensis, brió, catre, corixo, chopim-gaudério
 vira-vira Adónis do novo mundo galã da novela das oito
 que me importa menino senão que és o outro hemisfério
 se dizes *holy!* se dizes *yes!* e como se perdido num silabário
 me chamas pelo nome: pa-trí-ci-a pa-trí-ci-a pa-trí-ci-a

Luto pela poesia

Ombudsman • Silvio Demétrio

Este resto de epílogo de um ano cruel e tortuoso parece demonstrar um esgotamento do sentido em todos os níveis. Para muito além de qualquer polarização política ou partidária, todos se sentem traídos: seja pelo destino ou pelo acaso com a exorbitante tragédia que solapou as vidas de quem estava a bordo daquela aeronave que levava a equipe da Chapecoense (não há como não falar disso), seja pela decadência exposta de todos os parâmetros aceitáveis para a política em condições democráticas que se demonstrou com as manobras torpes, tanto do Senado com a aprovação da “PEC da morte”, quanto nas “10 medidas para acabar com a corrupção”, que o Congresso transformou a seu bel prazer e conveniências. Daqui em diante são vinte anos de inércia. Uma glaciação tropical. Não há bálsamo para uma ferida assim, especialmente quando o jornalismo é instrumentalizado como dispositivo que arranha a carne exposta do real, pervertendo a dor e a comoção nacional numa passividade bovina da população que se esquece de Brasília, do Brasil e de si mesma. A repetição até a exaustão para que o sentido entre em colapso também.

É aí que se percebe o momento ideal para avaliar o quanto existe de valoroso num jornal que se define pela “linguagem como notícia”. Um jornal de poesia e literatura. Um jornal como ágora estética — encontro de poéticas. Algaravia. Murmúrio do mundo. Glossolalia. É só assim, quando acontece na

página uma epifania, que se revela a perspectiva do tempo como via de restauração do sentido. A poesia assim como toda a arte é uma forma de cura. É pelo engenho das palavras que se recupera a fé num mundo, seja ele qual for. Existem vários e eles não se excluem uns dos outros.

O **RelevO** acerta quando apresenta uma salada dos miolos dessa diversidade. E isto acontece de maneira constante. As páginas da publicação são pluralistas, sempre dando espaço para uma pletera de talentos de diferentes origens, estéticas e recursos de expressão. O periódico não é uma aventura paroquial e incestuosa. Mesmo quando regional, é recomendável a um jornal sempre ser cosmopolita. Mesmo que encrustado na mais febril das províncias. E o **RelevO** é um cidadão do mundo nesse sentido, basta percorrer suas páginas. A edição de setembro, por exemplo, acertou ao ir do chorinho ao heavy metal. Os textos de Luís Pellanda, Flavio Jacobsen e Karen Debértolis numa mesma edição faz lembrar, e isso é inevitável, os melhores momentos do saudoso *Nicolau*. Uma publicação de Curitiba para o mundo.

Na edição de outubro um grande acerto foi a publicação do texto do jornalista Diego Antonelli sobre um Paraná que não é nem um pouco pacato. A história da Revolução Federalista e o Cerco da Lapa nos mostram que, tal como no mundo inteiro, por detrás do silêncio de uma paisagem bucólica sempre há

o grito sufocado de quem pagou com o próprio sangue o preço da história. E é necessário desmistificar o Paraná. Especialmente quando se cria uma aberração ideológica como a “República de Curitiba”.

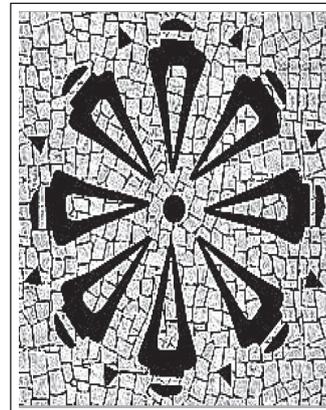
Em alguns momentos de vulnerabilidade, o jornal pode pecar talvez por essa vocação paroquial que não é sua, mas do próprio Paraná. Estamos todos imersos no mesmo espírito do tempo e acabamos por contrair suas contradições. Talvez seja hora de expandir o alcance não só da circulação, mas também da abrangência do que se mostra em suas páginas. Existe toda uma cultura subterrânea para além do Paraná e que está ávida para encontrar espaço de expressão. O **RelevO** pode se tornar essa bússola continental. Encontrar interlocução com uma literatura e uma poesia que são estrangeiras dentro do próprio país, como a verve crua e cortante do maranhense Nauro Machado. O trabalho valoroso do editor Gabriel Cohn com sua Azougue no Rio de Janeiro, assim como a Editora Sete Letras e, porque não, até a Revista Cult. Não existe concorrência nesse meio, senão confluência. Vamos nos juntando até nos tornarmos atlânticos.

Escrevo esse texto para exorcizar as sombras desse mórbido fim de novembro na história do jornalismo e do esporte, assim como na política brasileira. Precisamos nos reinventar. Sempre. Não dá para esperar vinte anos. O avião pode cair a qualquer momento. Do luto, lutemos.



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



ADVOCACIA

Bruno César Deschamps Meirinho (OAB/PR 48.641)

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA -
CONTRATOS - TRABALHISTA

Rua da Glória, 72, Sala 510,
Alto da Glória, Curitiba
(41) 8440-5050 [OI] / (41) 9839-4529 [TIM]

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR



FISK

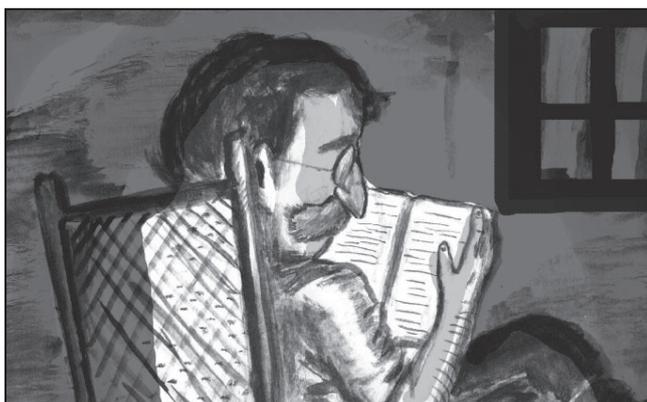
CENTRO DE ENSINO

3642-3690 3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

INSCRIÇÕES **2017**

INTENSIVO **1º SEMESTRE**
 JANEIRO

WWW.CORSO BRANCALEONE.COM
 ITALIANO + ARTE + HISTORIA

ARTE: TIEGO SZCZEPANSKI

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
 E-PARANAAM 630 | DOMINGO - 13H



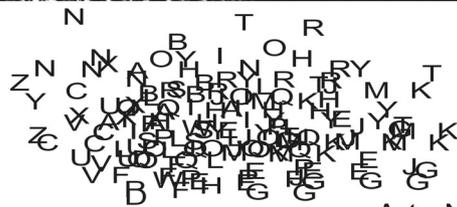
AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532
 ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



Arte Nilo Trovo

NOVO ENDEREÇO:
 RUA CÂNDIDO LOPES, 205, 3.º ANDAR, CONJUNTO 34

LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 | CENTRO | CURITIBA, PR

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

O judeu louco no jardim das espécies

Jacques Fux

Ele imaginava que escrever este livro seria divertido. Pensava que todos os mitos, as crenças e as falácias atribuídos ao louco judeu — meshugá — poderiam ser discutidos ludicamente. Vislumbrava demolir esses absurdos argumentos, credos e teses através da ironia. Esperava que toda a questão da loucura fosse uma mera brincadeira, mas se enganou redondamente. Ele sempre soube que as experiências não poderiam ser comunicáveis. Que a origem do romance seria fruto da história prodigiosa que cada indivíduo isoladamente carrega consigo. Que seria necessário buscar uma nova possibilidade de narrativa para tornar excepcionais e espetaculares as fábulas de cada um. E que era função de um bom escritor conseguir desvelar a beleza e a poesia por trás dessas histórias e ficções infinitas. Ele então engendrou o afastamento da própria obra para atacar essas questões. Biografou, pesquisou e esmiuçou a vida, os medos e os escritos de cada um dos personagens que inventariou. Compreendeu, mas também ludibriou e dissimulou, a busca, a solidão, o suicídio e o desejo reprimido dos seus protagonistas. E idealizou que poderia fazer tudo isso apenas racionalmente. De longe. Sem se envolver. Apenas brincando com as palavras. Triste engano. À medida que o narrador foi escrevendo e criando, passou a reviver subitamente seus medos, incertezas e inseguranças. Passou a rememorar os mais íntimos momentos. Passou misteriosamente a se consubstanciar com seus atores de forma doentia. Ele foi, então, aos poucos, adormecendo a própria razão e criando malditos monstros. Os pesadelos começaram a não ser somente os dele, mas também os de todos. E os tormentos, as biografias e os martírios dos outros passaram a ser inteiramente os dele. Ele se tornou

seus fantasiosos personagens. E enlouqueceu junto com eles. Pertencer: a verdadeira morte

1. Ele enlouqueceu junto com seus personagens. Já não sabe mais de quem fala. Ignora de quem são as dores, as memórias, as tramas, os traumas e as invenções. Desconhece e adultera as verdades históricas, as biografias, as próprias reminiscências. Ele precisa testemunhar sua mediocridade. Tem que confessar sua fragilidade e sua ojeriza. Busca alguma forma de redenção e de suplício através da escrita.

2. Ele começou a recordar a própria infância. Da vontade que tinha de ser diferente. De ser ainda mais especial entre os já escolhidos. Para ele, o caminho percorrido pelos outros não poderia nem deveria ser o seu. Ele queria superar o que os outros puderam sonhar. Ser mais do que seus antepassados almejavam. Mais, muito mais, que o futuro poderia lhe reservar. E assim o jovem e insólito artista principiou o falseamento dos seus sonhos e de suas autoficções. Na infância, ele — como todos os personagens desse livro — também poderia ter se engendrado como alguém brilhante. Genial. Excêntrico. Espetacular. Mas isso seria uma grande mentira. Sim, ele cometia atos risíveis, surpreendentes, inesperados e inconcebíveis, como todos os seres fabulosos. Talvez suas ridículas professoras o encarassem com relativa desconfiança. Seria ele um idiota completo? Um menino-problema? Uma criança medíocre ou um futuro gênio? O fato é que elas nunca o notaram. Nem elas nem as colegas. Ele nunca foi especial. Mas a verdade é que os personagens deste

livro somente foram eternizados após o reconhecimento público de sua genialidade. Ou de suas loucuras. E só agora ele, o autor, o narrador, o protagonista, o louco, o incestuoso, o artista auto-odiado e o neurótico se dá conta de que todos os seus personagens são partes indissociáveis de si próprio. Todos eles foram lentamente introjetados ao serem escritos. Toda dor, angústia, insatisfação, crueldade, sexualidade, ironia, perseguição, culpa, medo, cólera e loucura foram também vivenciados por esse autor/narrador. Ele foi apenas mais uma criança sensível, sincera e suscetível buscando desesperadamente um lugar nesse mundo insano. Alguém mendigando um olhar de anuência. Mais uma perdida alma que buscava compreender toda essa loucura judaica em que sempre esteve imerso, e em que já não aguentava mais continuar absorto. Mas, ao final do livro, ele surpreendeu-se ao descobrir que a escrita afervorou suas quimeras. Ele não foi salvo pelas suas palavras.

3. Assim como seus personagens, ele sempre teve uma necessidade enorme de pertencimento. Pertencer a algo, a alguma coisa, a alguém: uma busca sufocante por algum significado, algum sentido, alguma razão ou sentimento que pudesse inseri-lo no todo. Talvez uma procura metafísica pelo seu verdadeiro destino ou pela sua legítima maldição. Esse desejo de pertencimento é uma fraqueza, mas também um objetivo. Algo a alcançar e com o que sonhar. Ele inicialmente tentou descobrir seu lugar na religião. Nessa prática, por vezes fascinante, e por vezes ridícula e pragmática, de ritos. Na crença em uma essência que tantas vezes não significa nada e que talvez seguirá vazia e inócua

eternamente para ele. Mesmo assim, ele se empenhou em conhecer todas as rezas e todas as histórias do povo judeu com o desejo de fazer parte de algo maior. Ele aprendeu tudo o que a sua medíocre escola ensinava. Infelizmente, não teve uma formação completa e substancial como seus mestres Singer, Agnon, Aleichem, Spinoza. Mas teria ele conseguido se livrar de toda crença e religiosidade, como esses escritores, se tivesse vivenciado uma formação melhor? Possivelmente não. Ele agradece: “Deus escreve certo por linhas tortas.” Tentou ainda se aprofundar na religião convivendo com os ortodoxos. Uma seita fundamentalista o recebeu com os braços e a Torá abertos. Mas as explicações, o culto e a liturgia eram muito chatos. Exigiam uma profunda e infinita entrega de corpo e alma. Por mais religioso que ele se achasse, sempre havia uma outra seita que se julgava mais merecedora do monopólio de Deus, ocasionando diversos conflitos internos. Por isso, ele também acabou se afastando desse mundo paranoico. Delirante. Alienado. Como Daniel Burros? Não. Mas não sem deixar marcas indeléveis, ressentidas e profundas no seu eu. Ele tentava encontrar um lugar, um caminho, um abrigo, mas não conseguia simplesmente pertencer. Pertencer, de fato, não é nada fácil. Talvez seja utópico, improvável e impossível. Ele tinha que pertencer, como todos, mas a quê? Os judeus, apesar de viverem e compartilharem um ambiente parecido, nutrem um sentimento estranho por si, pelos outros judeus e também por todos. Esse olhar já está contaminado pelo ódio, pela perseguição e pelo preconceito do outro, mas eles não sabem nada disso. Apenas sentem na pele. Talvez eles cultuem tão somente uma tradição inventada, idolatrem algo

que nem são capazes de conceber e desprezem constantemente a crença, a cultura e a vivência daquele que não consideram seu igual. Assim, primeiro existe uma discriminação pela conduta do vizinho. Do vizinho judeu, com raízes de outras terras e outros costumes. Depois também discriminam o vizinho do vizinho, também judeu, mas que veio de uma família comunista, ou sionista, ou pouco religiosa, ou que come porco, ou que mistura carne com leite, ou que anda de carro no Shabat. Ou ainda aquele vizinho que é casado com uma goy, ou com uma negra, shwartz, ou que não é bem-sucedido na vida. Ou, na verdade, sei lá o quê. Eles simplesmente não acolhem o outro e tampouco aceitam a si mesmos. E eles são parcialmente culpados, responsáveis e também inocentes por tudo isso. Foi o que ele compreendeu. Eles também discriminam, e muito, o vizinho do outro lado. O que não é judeu. O que, historicamente, o olhava com desprezo. Escárnio. Ódio. Aquele que os acusa eternamente de beber o sangue de inocentes durante o culto satânico judaico. Os que os comparam a demônios. A deicidas. A loucos. A desprezíveis. Sim, olhando o vizinho do outro lado, mesmo sem saber, todo esse fardo cruel é descarregado inconscientemente. Assim enxergam o vizinho como inimigo do seu povo. Da sua cultura. Dos seus valores. Porém, é somente nesse instante que os diferentes mundos judeus se encontram. O olhar perverso, discriminatório e odioso do outro é responsável pela constituição do povo judeu. Assim, como todos esses estrangeiros de si mesmos, ele cresceu sob a vigilância contraditória e ardilosa do pertencer e do não pertencer a coisa alguma, apenas sendo obrigado a sentir o peso dessa maçante carga histórica.

Trecho de *Meshugá* (Editora José Olympio, 2016)

Felipe Pauluk

mas como ele é, filha? fala pra mim.
 - ah, mãe... ele é...
 - tipo aquele cara da novela? barbudo, forte?
 - não, mãe. ele é diferente. tem cara de...indulto de natal, sabe? cara de quem joga lotomania, de quem dá telesena de presente no dia dos namorados, cara de quem trabalha pensando em ser demitido e pegar o fgts. cara de quem coloca banana no prato e chama de "mistura". cara de quem corre atrás do ônibus. cara de quem tem uma camisa azul bem passada no guarda-roupas e usa sempre ela pra's entrevistas de emprego. cara de quem come queijinho assado de praia e compartilha foto de cachorro pra doação. cara de quem sabe tudo de moto e nada de poesia.
 - hummm... entendi, filha. nada de poesia, então?
 - ah, não, né, mãe. é muita frescura poesia.

Vitrolinha

Felippe Aníbal

Todas as noites, meu pai se apoiava na mureta do terracinho de casa, sacava um maço de cigarros do bolso da camisa e metodicamente escolhia um, embora fossem todos iguais. Enquanto nós, os moleques, aproveitávamos os últimos instantes antes que nossas mães nos convocassem, indicando o caminho do banho, meu velho permanecia ali, como quem ruminava os acontecimentos do dia, dando-lhes o peso exato que cada qual merecia.

Veza por outra, um e outro adulto ia se achegando. Quando a prosa assumia um tom baixo e os semblantes se carregavam com um quê entre o pesaroso e grave, nós interrompíamos as brincadeiras ou os jogos. Cessávamos a algazarra e ficávamos ali perto, acompanhando a conversa dos mais velhos, porque sabíamos o que aquilo significava: alguém tinha morrido.

Os adultos falavam baixo, talvez em sinal de respeito ao morto. Sempre se juntava ao grupo o Vitrolinha, um gorducho bonachão que havia sido de tudo — de Rei Momo a técnico do time da cidade — e que, por isso, era conhecido por toda a gente. Carismático, era ele quem passava a conduzir a prosa, narrando passagens ou causos que envolviam o falecido. Sempre o

fazia de modo a deixar uma imagem positiva do conhecido que partiu.

De repente, a roda se sucedia em expressões carregadas de senso comum: “coitado, descansou...”, “ainda ontem estive com ele...”, “é, pra morrer basta ‘tá vivo’”, “é a única certeza que a gente tem”. Por fim, Vitrolinha olhava com um ar meio matreiro e arrematava:

— Antes ele do que nós!

Longe de soar como um desrespeito ao defunto, a frase parecia uma celebração à vida, que irremediavelmente seguia. Para os moleques, a quem aquelas conversas representavam o primeiro contato com a morte, era como se esta deixasse de ser algo pesado. Enfim, todos podiam voltar a suas respectivas casas, cada qual dando conta de sua própria vida.

Muitos anos depois, quando já não morávamos mais na mesma vila, soube da notícia pelo meu pai: Vitrolinha havia morrido. Meu lamento se tornou ainda mais profundo quando me dei conta de que ninguém conduziria com tanta graça o rito de contar causos sobre ele. E olhe que Vitrolinha tinha histórias pra contar. Lembrei-me de algumas delas e sorri. Por fim, disse a mim mesmo:

— Antes eles do que nós!

Adriana Brunstein

Malandramente
O poeta inocente
Adiciona a gente
Já pede pra curtir

Malandramente
Faz poesia carente
Tem não sei quantas páginas
Começa a perseguir

Malandramente
Manda inbox privado
Me enfia num grupo
E aí, vai curtir?

Ah, safado!
Na hora que vai ser bloqueado
Se esmera e comete um plágio
E manda um recadinho pra mim

Não vou mais te seguir
Não vou mais te seguir
Não vou mais te seguir
Não vou mais te seguir

Muitas histórias

Marcella Lopes Guimarães e Gelson Oliveira

“O historiador não tem apenas como contraponto mortos, para os quais ele constrói um túmulo escriturário; ele não se dedica apenas a ressuscitar viventes de outrora, que não existem mais, mas que existiram; ele se dedica a re-apresentar ações e paixões”.

Paul Ricoeur

Em língua portuguesa, a palavra *história* marca uma série de sentidos, dentre os quais, a disciplina histórica e a narrativa ficcional. Em francês também é assim. E é possível que seja assim em uma infinidade de línguas que ignoro. Por causa dessa polissemia, nasceu *estória*, importada do inglês *story* para nosso mundo lusófono. Os defensores da importação alegam que o emprego previne a ambiguidade, mas a ambiguidade não é doença, ela alimenta a poesia. Nada pode ser mais saudável.

“Errei todo o discurso de meus anos”. Qual o sentido de errar nesse conhecido verso de Camões, Jelson? Enganar-se? Vaguear? Por que escolher? Fico com os dois sentidos. Não menos do que outros conhecimentos, a História também é atravessada por ideias gerais que colaboram para despertar o interesse a respeito dela, para o afastamento e para o equívoco. Assim, os que a detestam alegam a dificuldade em decorar os fatos e as datas; os que gostam dela admiram as *histórias* que ela conta, os que não sentem nada se surpreendem com como alguém pode

se dedicar seriamente a ela. Uma das primeiras coisas que aprendemos na História é que as ideias se transformam muito lentamente. Então, embora o conhecimento e o fazer tenham mudado enormemente, e para alguns tenha sido mesmo revolucionado no século 20, muita gente continua acreditando em uma História que não se faz mais.

É um erro, contudo, pensar que a História é vítima quer da polissemia, quer das ideias gerais e pré-concebidas. O sucesso de filmes, biografias e romances que remetem ao passado, ditos históricos, revela interesse e reverte em alguma medida para o estudo sério ou para o debate dentro do campo. Quanta curiosidade sobre a Idade Média nasceu de *O Nome da Rosa*, romance de Umberto Eco (1980) e filme de Jean-Jacques Annaud (1986)? Quanta gente não chegou aos bancos das Faculdades de História inspirada pelo cinema, mesmo que não confesse ou mesmo que, depois de anos, tenha esquecido essa inspiração? Historiadores buscam voltar-se a essa curiosidade, mostrando que o que nos apaixona nessas releituras do antigamente talvez seja o que está muito perto de nós, o nosso tempo, e que muito da maneira como se vê o passado é decidida pelo momento em que vive quem lê esse passado.

Trecho do livro *Diálogos sobre o tempo: entre a filosofia e a história* (Editora PUCPress, 2015).

Chapecoense pressiona e vence, mas Atlético Nacional conquista a Sul-Americana

No Couto Pereira lotado, catarinenses quase reverterem vantagem do atual campeão da Libertadores. Ao fim da partida, jogadores foram ovacionados por torcidas diversas

O sonho verde acabou. Em um jogo dramático, digno de um duelo das Américas — chuva, emoção e quatro expulsões —, a Chapecoense bateu o Atlético Nacional por 1 a 0 no retorno da final da Copa Sul-Americana nesta noite de quarta-feira (7), mas não conseguiu reverter a vantagem colombiana. Como a equipe catarinense havia perdido o jogo de ida na semana passada por 2 a 0, precisava, no mínimo, devolver a diferença para levar o jogo aos pênaltis. A derrota pelo placar mínimo confirma o Nacional como a sensação da temporada na América do Sul — em julho, a equipe foi campeã da Libertadores ao bater o Independiente del Valle.

O jogo disputado em um Couto Pereira lotado foi emocionante. Precisando do resultado, a Chape armou uma blitz nos primeiros quinze minutos, sem conseguir entrar na área da equipe de Medellín, no entanto. Com chutes de fora da área de Bruno Rangel e Matheus Biteco, a equipe de Chapecó levou perigo ao gol adversário em duas ocasiões, nas quais Franco Armani teve de se virar para evitar a abertura do placar.

Contudo, logo aos 19 minutos, a equipe colombiana mostrou o seu habitual poder ofensivo. O esquema tático armado por Reinaldo Rueda, investindo nas saídas pelas alas e passes rápidos no contra-ataque, quase calou o Couto. Em uma

triangulação de Borja com Torres, o 11 dos verdolagas saiu na cara de Danilo e abriu o marcador. Para sorte dos brasileiros, o assistente uruguaio Miguel Nievas apontou impedimento na jogada e logo devolveu as esperanças aos mais de trinta e cinco mil torcedores da Chape, empurrados também por entusiastas que fardavam camisas de Coritiba, Atlético e Paraná. O público, por sinal, tornou-se recorde do Couto na temporada.

O primeiro tempo seguiu no mesmo ritmo, com maior posse de bola da Chape e contra-ataques pontuais do Nacional. Na segunda etapa, com muita chuva e sem a presença dos habituais quero-queros, o técnico Caio Júnior trocou o volante Sérgio

Manoel pelo atacante Kempes, que subitamente tratou de infernizar a defesa colombiana. O maior perigo, todavia, veio do outro lado: aos 14 minutos, após outra boa jogada de Borja pela esquerda, Rescaldani cabeceou livre, à queima-roupa, forçando Danilo, com o pé direito, a fazer uma defesa espetacular. Após o lance, o goleiro, que começou a carreira em Cianorte, foi chamado de santo e teve o seu nome gritado no estádio. (Durante o jogo, também foram ouvidas ofensas a Mario Celso Petraglia, bem como protestos contra as baixas posições do Coritiba — ambos prontamente substituídos por cânticos de apoio à Chape.)

O jogo seguiu equilibrado, com



Divulgação

Bruno Rangel recebeu de Cléber Santana na entrada da área e cortou Felipe Aguiar, que, para impedir a finalização, desferiu um carrinho no camisa 9, maior artilheiro da equipe do oeste catarinense. Aguiar foi expulso

com um cartão vermelho direto, acompanhado por reclamações meramente protocolares. Na cobrança de falta, precedida por gritos estrondosos de todo o estádio, Cléber Santana chutou no canto direito alto do goleiro e a bola explodiu no travessão. No reinício de jogo, Armani tomou o segundo amarelo por retardar o tiro de meta. Como a equipe colombiana já tinha feito as três substituições, o meia Jhon Mosquera, que havia entrado durante a partida, foi para o gol. Em questão de três minutos, os campeões da Libertadores haviam perdido dois de seus principais homens.

Aos 49 minutos – o árbitro assinalou seis de acréscimo –, em nova confusão dentro da área, Ananias caiu e o estádio inteiro pediu pênalti, o qual, de fato, não houve. Na discussão com Diego Arias, o juiz Andres Cunha expulsou os dois e ainda apontou mais dois minutos de acréscimo, para a calamidade do banco colombiano. Danilo chegou a ir para a área em um escanteio, mas não havia tempo para mais nada.

Ao apito final, os jogadores colombianos desabaram em campo. Foi a primeira conquista de Copa Sul-Americana do Atlético Nacional – também

é o primeiro troféu da competição por parte de Reinaldo Rueda.

Por sua vez, os atletas da Chapecoense, responsáveis pela maior campanha da história do clube, foram aplaudidos incessantemente por vários minutos. Comovida com a bravura da equipe catarinense, a torcida tardou a sair do estádio. Para o técnico Caio Júnior, a partida foi uma síntese da equipe na temporada. “Nosso grupo foi muito valente e valorizou muito o título do Atlético. Dentro das nossas limitações e da nossa proposta tática, fizemos um jogo perfeito, anulando o poderio ofensivo do adversário. Jogamos contra o campeão da América e merecíamos um resultado melhor”, avalia. “Mas estão todos de parabéns”, completou.

Após saudarem os campeões, todo o grupo do Verdão do Oeste se aproximou da torcida para retribuir os aplausos. Aos prantos, o experiente Cléber Santana não conseguia manter

tranquilidade semelhante à de seu treinador – “nunca tinha visto o país se unir assim” –, ao passo que Danilo, ovacionado, teve dificuldades para conceder qualquer entrevista, limitando-se a apontar para os adeptos, a quem se referiu como “a razão disso tudo”. “Somos completamente abençoados”, afirmou o goleiro.

O clube retorna a Chapecó nesta quinta-feira (8). Uma recepção calorosa para os jogadores já foi agendada nas redes sociais. Atribuindo ao troféu um valor estimativo, Sandro Pallaoro, presidente da Chapecoense considerou o vice-campeonato como um marco na história da associação. “Espera-se que a final inédita seja apenas mais um passo no progresso constante da agremiação, que finaliza o ano assumindo o posto incontestável de clube mais querido do Brasil”, definiu.

Em memória dos contadores de histórias:

- Victorino Chermont (Fox Sports)
- Rodrigo Santana Gonçalves (Fox Sports)
- Deva Pascovich (Fox Sports)
- Lilacio Júnior (Fox Sports)
- Paulo Julio Clement (Fox Sports)
- Mário Sérgio Pontes de Paiva (Fox Sports e ex-jogador)
- Guilherme Marques (Globo)
- Ari de Araújo Júnior (Globo)
- Guilherme Laars (Globo)
- Giovane Klein (repórter da RBS TV de Chapecó)
- Bruno Mauro da Silva (técnico da RBS TV de Florianópolis)
- Djalma Araújo Neto (cinematista da RBS TV de Florianópolis)
- André Podiacki (repórter do Diário Catarinense)
- Laion Espíndula (repórter do Globo Esporte)
- Renan Agnolin (rádio Oeste Capital)
- Fernando Schardong (rádio Chapecó)
- Edson Ebeliny (rádio Super Condá)
- Gelson Galiotto (rádio Super Condá)
- Douglas Dorneles (rádio Chapecó)
- Jacir Biavatti (comentarista RIC TV e Vang FM)

ligeira superioridade da Chapecoense, para quem o cronômetro se transformava em um inimigo cada vez maior. Aos 24 minutos, um lance inusitado. Borja tentou um voleio dentro da área brasileira e acabou acertando a cabeça de Torres, que quase foi a nocaute. Torres precisou ser substituído.

Aos 35 minutos do segundo tempo, enfim a pressão da Chapecoense se converteu em gol. Após uma dividida no meio de campo que culminou em lançamento certeiro de Gil, Ananias recebeu pela direita e aproveitou o cochilo da zaga para abrir o placar — o chute cruzado não deu qualquer chance a Armani. O gol foi muito contestado pela comissão técnica do Nacional, que alegou falta no início da jogada. Como de praxe, os minutos finais representaram o desespero futebolístico. Sem o substituído Torres, o Atlético Nacional era só defesa — a costumeira troca de passes ofensiva já não era vista. Pelo lado da Chape, sobravam cruzamentos na área, responsáveis por carcomer as unhas dos espectadores.

Já nos acréscimos, teve início a sucessão de lances que ficará na memória de qualquer fã de futebol.

Território semiárido

Cristina Seciuk

Oswaldo Rodrigues

Poema de *Tudo aí – 40 anos de poesia*
(Editora Penalux, 2016)

Sobre trilhos

tens

na plata-se-forma

alvorçado corre-corre

lá vem

sobre rodas e sujeiras

lento movimento

o usuário pede: dê pedra

o chão: dá pedra

ele depreda o trem.

ar para a porta que não respira

— abre —

ar para a porta que não expira

— fecha—

lá vai mais gente para Pirituba.

Tinha vez que lembrava — quando a estiagem vinha e ficava por mais tempo. Lembrava em meio ao barulho da enxada revolvendo o solo seco, puxando de baixo para cima toda aquela poeira feita em pedra, e ela ia se desaglomerando enquanto caía de novo por cima do chão, por cima de si. Mas tinha uma hora em que a enxada alcançava a umidade que ainda estava ali, ia se afastando do calor do sol, rastejando mais e mais para dentro do solo. Quando isso acontecia dava uma tristeza funda, porque era água que existia, mas que não existia de verdade ali.

Foi junto com a última chuva grossa que caiu na cercania que Chico voltou. Era quando sempre voltavam os que se tinham ido atrás do mar e de outras águas que ali eram mais contadas. Mas já tem tanto tempo. Voltou para morrer, que os quereres não se metem sem motivo no caminho da gente. Foi mesmo de morte matada, sem precisar fingir coisa nenhuma, rápido

e sem muita explicação nem história comprida, logo com dois tiros no meio da testa que é para não mais levantar.

Foi moço de fora, parece, sabe que eles não dão muito detalhe. Januário encomendou porque sozinho não conseguiu afogar aquele amor numa afundada de cabeça na tina d'água fresca, igual se afoga gatinho novo. Sentimento não se lava fácil da caixola.

Tinha dinheiro guardado de serviço feito longe, na obra de irrigação do Venâncio, que deu justo para pagar. Se preocupou, mas ao cabo não precisava. Se arranjou como dava, e sempre dava, com a mãe adoentada e a casa poeirenta para cuidar e o fantasma de Chico — que antes virasse mesmo só alma, se era para assombrar a vida. No começo ele aparecia mais, depois passou a doer na memória puxado pelo tato: quando a mão calejada partia o chão com a enxada velha, procurando o que sobrou daquela água que um dia caiu do céu, para onde a poeira subia.

Pido silencio/Peço silêncio

Pablo Neruda (trad. Bruno Barcelos)

Ahora me dejen tranquilo.
Ahora se acostumbren sin mí.

Yo voy a cerrar los ojos.

Y sólo quiero cinco cosas,
cinco raíces preferidas.

Una es el amor sin fin.

Lo segundo es ver el otoño.
No puedo ser sin que las hojas
vuelen y vuelvan a la tierra.

Lo tercero es el grave invierno,
la lluvia que amé, la caricia
del fuego en el frío silvestre.

En cuarto lugar el verano
redondo como una sandía.

La quinta cosa son tus ojos,
Matilde mía, bienamada,
no quiero dormir sin tus ojos,
no quiero ser sin que me mires:
yo cambio la primavera
por que tú me sigas mirando.

Amigos, eso es cuanto quiero.
Es casi nada y casi todo.

Ahora si quieren se vayan.

He vivido tanto que un día
tendrán que olvidarme por fuerza,
borrándome de la pizarra:
mi corazón fue interminable.

Pero porque pido silencio
no crean que voy a morirme:
me pasa todo lo contrario:
sucede que voy a vivirme.

Sucede que soy y que sigo.

No será, pues, sino que adentro
de mi crecerán cereales,
primero los granos que rompen
la tierra para ver la luz,
pero la madre tierra es oscura:
y dentro de mí soy oscuro:
soy como un pozo en cuyas aguas
la noche deja sus estrellas
y sigue sola por el campo.

Se trata de que tanto he vivido que
quiero vivir otro tanto.

Nunca me sentí tan sonoro,
nunca he tenido tantos besos.

Ahora, como siempre, es temprano.
Vuela la luz con sus abejas.

Déjenme solo con el día.
Pido permiso para nacer.

Me deixem tranquilo.
Se acostumem sem mim.

Vou fechar os olhos.

E só quero cinco coisas,
cinco fontes preferidas.

Uma é o amor sem fim.

A segunda é ver o outono.
Não vivo sem as folhas
que voam e voltam à terra.

A terceira é o forte inverno,
a chuva que amei, a carícia
do fogo no frio silvestre.

Em quarto lugar o verão
redondo como a melancia.

A quinta coisa são seus olhos,
Matilde, minha amada,
não quero dormir sem seus olhos,
não quero viver sem que me veja:
eu troco a primavera
pra que você continue a me olhar.

Amigos, é isso que eu quero.
É quase nada e quase tudo.

Agora, se quiserem, vão.

Vivi tanto que, um dia,
terão que me esquecer à força,
me apagando do quadro-negro:
meu coração foi interminável.

Mas só porque peço silêncio,
não pensem que vou morrer:
acho exatamente o contrário:
acontece que vou viver.

Acontece que sou e sigo.

Não será porque aqui dentro
de mim crescerão cereais,
primeiro os grãos que rompem
a terra pra ver a luz,
mas a mãe terra é escura:
e dentro de mim sou escuro:
sou como um poço em cuyas águas
a noite deixa suas estrelas
e segue só pelo campo.

É que de tanto que vivi,
quero viver outro tanto.

Nunca me senti tão sonoro,
nunca ganhei tantos beijos.

Agora, como sempre, é cedo.
Voa a luz com suas abelhas.

Me deixem só com o dia.
Peço permissão pra nascer.

Os búzios falam ao nosso ouvido

Inês Lampreia

*Em homenagem à poetisa
Ana Maria Ramiro*

Tenho-o em mãos. É um búzio.
Seguro-o entre os dedos.
Mais parece uma estátua edificada
no cume da serra, penso.
Observo-o. Vejo que ele é um,
representando muitos.
Vários búzios. Distintos em tama-
nhos, formatos, cores e memórias.
Questiono-me se a idade deste estará
gravada no seu opérculo. No cuzinho
onde se avolumam protuberantes
linhas circulares em perfeição. Uma
espiral fossilizada traça o princípio
dos filamentos que ampliam à medida
da carapaça. Trata-se do estrepe do
bél búzio, esse ponto fundamental
que deu origem ao ser.
Deslizo a ponta do dedo pela boca da
concha univalve. Viajo com o sentido
da pele ao redor da porta por onde o
molusco espreitava. E introduzo o dedo
pela concavidade adentro.
Procuro segredos. Quem sabe
não habitam no centro do búzio?

Onde só o molusco, em situações de
perigo, se aconchegou. Talvez tenham
fossilizado também, confiados ao
passado, pela condensação do tempo.
Abandonados. Retidos no cantinho.
Omitidos. A endurecer.

Imagino o molusco. Que já é
passado do passado. Que nasceu,
cresceu, morreu. Que pode ter
secado ao sol ardente, na beira-mar
de uma praia para lá da Punta del
Este, Guarujá ou Aljezur. Ficou ali,
torricado de sol e de sal, deixando a
casa à mercê de predadores e ocupas.
Até que alguém o agarrou com cinco
dedos, tal e qual a mão dos humanos,
e fez dele a sua própria casa.

No lugar do molusco, não resta nada.
Mas, a carapaça, o ninho de
invólucro fossilizado, prevalece.

Agora o búzio está comigo. Silen-
cioso. Calado para não se denunciar.

Mesmo assim, encosto-o ao
ouvido. Procuo o serpentear das
ondas. Zumbidos molhados. Alguma
cadência que incite o meu legado
comum a imaginar de novo o mar
chegando-se à costa.

Não oiço nada.

O búzio já nem é caracol de água. É
só carcaça, penso. E viro-o na ponta
dos dedos, de olhos curvados no resto
do ser que foi vivo um dia.

Tento novamente.

Fecho os olhos. Aguardo, de ouvido
à espreita.

Carros, buzinas, pessoas produzem
eco pela alameda. Criam esse barulho
de fundo contido na raiva da poluição.

Eu até que percebo o búzio. Não
quer fazer-me chegar a maresia, pois
estamos demasiado imbuídos de
cidade. Mas, concentro-me. E fico
à espera que ele faça o mesmo. Que
respeite o meu ouvido a adaptar-se, tal
e qual o seu antigo molusco. Que faça
da minha orelha o seu corpo mole.
Que nos unamos, eu e ele, num só.

E, assim, finalmente, ao de leve —
mal se ouve — inicia-se a melodia.

Baixo, baixinho, é certo, mas afinal,
o passado tem som...

Oiço o vaivém. Onda por onda
num mar qualquer. Ele deixa-me
ouvir, por entre vagas pequenas e
distantes, os tempos de outrora, de
alguém que se fez gente. Pequena.
Grande. Feminina. Mulher.

O meu ouvido e a carapaça em cúpula ajustam-se para esse fim. Dizem-se coisas, perguntas e respostas, sobre o ontem.

Oiço vozes diversas, oriundas do seu imo. Prelúdios de histórias sensíveis ao tempo. Mutantes. Que vêm de outros dias menos gastos que o hoje.

Reafirmo, por fim, em júbilo, que o fóssil nas minhas mãos é o pai de muitos búzios. Fecho os olhos à espera dos murmúrios delicados dos antigos gastrópodes.

E oiço-os.

Dizem-me.

Isto:

Cheguei-lhe às mãos ainda pequenino. E pequenino fiquei.

Ela também era. Catraia, de maçãs rosadas e nutridas. Sorriso aberto. Moreninha.

Um homem de barbas pegou em mim, numa praia linda cujo nome não sei, e entregou-me. A partir de então, nas mãos dela, abandonei as funções de bicho e passei a talismã.

A idade era ainda tenra, tanto minha quanto dela, e vivíamos atormentados pelos pequenos medos. O medo do garoto que mordida em vez de cumprimentar, o medo do inesperado da vida, o medo dos momentos que não queríamos voltar a lembrar. O medo de ter medo. Até que um dia, pegamos nesse pavor e colocamo-lo no bolso das calças.

E, enfim, começamos a caminhar para a consciência de que o medo tem sempre a ver com o passado, real ou mítico. Fiquei até com medo de deixar de ter medo! Mas ela, mais forte que eu, foi-me colocando ao ouvido. E eu aconchegando-me ao seu pavilhão auditivo. Encaixando que nem uma luva.

Éramos ainda pequeninos e partimos para a vida pé ante pé, deslumbrados com a timidez do mundo, esse globo de gente e de confusas circunstâncias.

A minha carapaça tem o tom afogueado da juventude. Não sei porque me entregaram a ela, mas dou graças por isso! Fiquei visionário num instante. Ganhei conhecimento à pala da mocinha!

O jornal era pano para bordados

de interesse. Eu servia de pisa-papéis enquanto ela pegava na caneta e rabiscava os anúncios colecionando histórias. Preenchia o repositório de boas leituras e filmes escolhidos a dedo. Vivia a criar o seu universo de saber. Já eu aguardava ansioso que chegassem as noites para ouvir o seu pensamento relembrar todas as imagens, argumentos e cenários.

Se quiserem, explico em detalhe os trechos dos filmes de Glauber Rocha, Woody Allen, Jacques Tati, Ingmar Bergman.

Devo tudo a ela. E ela deve tudo à curiosidade, ao intelecto e à sua procura que não pára. Nunca. É uma insaciada eterna. Eu também.

Agora, digam-me: haverá melhor juventude que essa, vivida por mim e por ela, em que nos dedicamos a esmiuçar a fragilidade da vida?

Estas manchas escarlate tatuadas no meu opúsculo vêm do entusiasmo. Eu e ela, mesmo jovens em matéria da polis, comprometemo-nos, de forma duradoura, a pensar. É que quem mergulha nas profundas águas turvas da compreensão humana fica marcado pela revolução dos nervos. Por isso decidimos aprender a pensar, para pensarmos na política da vida.

Esses tempos em que íamos para a rua traziam um formigueiro que se avolumava no estômago. Subia ao coração. Irrrompia nos pulmões. E sempre que eu sentia a minha carapaça quase a rebentar de tanta excitação, a moça levantava a voz e gritava tudo por mim.

Quando as Diretas Já surgiram das patadas da turba na rua, a vida fervilhou. Eu fiquei a pensar na política dela que procurava compreender a política dos outros.

É bem verdade que a emoção ganhou-se em agito. Aprendemos que para praticar a liberdade tem de vir indignação do umbigo.

Desde então não parou de refletir a política das coisas. Essa ciência moral da vida em comum.

Eu senti que ela me reconhecia quando escreveu aquele poema longo sobre a casa onde a vida fluía por entre notícias.

Essa sua casa, que foi também

minha, atravessou conjunturas financeiras, políticas e sociais. Ganhou rugas, vícios dos seus moradores, caprichos de quem cresceu como que a recordar bandas desenhadas da realidade. Havia música, desporto, catástrofes naturais vistas a partir da varanda, através do papel de jornal.

Houve tempos em que ela nem dava pela casa, tal como eu quando perdi o meu molusco e fiquei desligado. Só que o tempo amadurece a visão: ela cresceu, parou olhando por cima do ombro e reconheceu a casa que foi o tesouro de onde se desenhou o mapa.

O ninho, por assim dizer, só fica poderoso quando retido no passado. Assim, nós podemos olhá-lo com a distância do antes e perceber o agora.

Lá, no passado da casa, encontrou as histórias infantis, o arquivo do bem-querer, o elevador belle époque. E olhou de novo o céu nublado pisando os degraus de mármore.

A casa foi um porto-seguro. Mas, no entanto, deixou de ter paredes. Metamorfoseou-se em lugares, pessoas e símbolos.

Eu, que já sou caracol, trouxe a minha casa às costas. Ela imitou-me, valente. Encontrou forma de trazer a dela também.

Bem sei que a minha carapaça é a mais bela. Mas, vejamos... Fui escolhido para alimentar a paixão. Que maior signo poderá revelar essa impressão viva? Haverá coisa melhor do que um búzio, embora fóssil, continuar a restolhar o mar dentro de si? Eu sou como o intangível, o mito, a derradeira catarse afetiva. O meu corpo está morto e, mesmo assim, continua a apaixonar ouvidos.

Por isso fui oferecido a ela. O rapaz queria dizer-lhe que para amar é melhor não falar do assunto. Antes, servem os objetos para dizer o que não se fala, mas sente.

Em tardes de sol, noites de água, ao som do Circo Beat, entre dois países, e os restantes que sapatearam juntos, enveredaram num trilho visceral que nem contadores de histórias se atrevem a dizer, pois a construção do amor é obra de gente corajosa.

Foram, assim, destapando a casquinha um do outro. Urdindo o

tecido do amor. E que tecido delicado é esse! Faz-se num tear com linhas de poesia, lugares, vivências do passado, momentos dentro de momentos, anseios do futuro, feitos e adaptações.

A vida é feita dessas linhas e o amor da trama entrelaçada que quando bem fiada pode ficar tão forte quanto a minha carapaça.

A luta que ele travou com ela e ela com ele deu para construir uma nova casquinha. Já não é só dele ou dela. É dos dois.

Como no filme de Linklater.

Eu sou o maior de todos estes búzios. Guardo a ternura, a consciência e a nostalgia de uma mulher que olha a sua Torre do Tombo.

Eu sou a sua pele. Sou o início e o reinício da história da viajante, mergulhada nas paisagens do seu âmago. Eu prevaleço, para lá de todos os outros.

Acompanho-a pelo mundo. Pegolhe na caneta. Artigo estrofes. Guardo-a em segurança. Faço-a retornar ao terreiro dos antepassados.

Ela é o meu molusco mais precioso e eu o dela.

As rugas que ganhou são de quem lavra o caminho com o olhar pueril de menina-mulher. Esse que iniciou naquela casa do passado, construída sobre húmus de maior qualidade, de algo a perpetuar-se no ser.

Ela sou eu. Eu sou ela.

Eu e todos os búzios que perfazem a minha carapaça.

Nota: Este conto resulta do projeto colaborativo coleção privada desenvolvido entre a escritora portuguesa Inês Lampreia e a poetisa e ensaísta brasileira Ana Maria Ramiro. A partir do primeiro semestre de 2013, elas começaram a trocar objetos/dispositivos selecionados de acordo com temas e preocupações das autoras num projeto a que deram o nome de coleção privada. Cabia a cada uma escrever a partir dos objetos da outra, sem mais informações, criando uma relação dialógica. O conto Os búzios falam ao nosso ouvido é a resposta aos objetos de Ana Maria Ramiro relacionados ao tema 'passado'.

Luiz Taques

8.

Mãe e filho já veem uma parte do rio, mas não toda a imensidão das suas águas; elas estão cobertas por um tapete verde: as plantas aquáticas. A manta, reverdecida, estampava, no entanto, afrontas em cores vermelhas, amarelas, azuis, pretas: eram latinhas com as colorações e as logomarcas de diversos fabricantes de cerveja e refrigerante. Já esvaziadas por uns desregrados, elas são atiradas ao rio e, ao que tudo indica, propositalmente. Caem sobre camalotes, boiam, degradam e ferem as águas: igual na guerra farpas dum abacaxi feriram o rapaz que, para ver-se livre das garras pararacaenses, nadara desnordeado com o fruto espinhoso numa das mãos.

Não demora e ondas tímidas acabam levando camalotes, latinhas, águas e barranco a beijos poluídos, amargos. As águas não apreciam as companhias intrusas e retraem-se, deliram de febre com a sujeirada desnecessária, a brutalidade gratuita: não é amistoso o odor que vem daquela boca do rio.

E olha que essas águas já foram tratadas com acatamento!

Mas o homem, um fazedor de escombros, parece que quase nada o faz tremelicar. Camundongos achegaram-se, evadiram-se; as seculares idiotices humanas, não.

Não se governa o que se passa no íntimo de alguém: o filho desconfiara que o imprudente deve espiar ao redor e, não visualizando nenhuma lixeira, joga a latinha vazia no rio, no mesmo rio que a sua mãe, a aniversariante daquele dia, tanto ansiava em ir saudar.

Grãos de trigo chegavam de outros

países, pelo rio; nas máquinas de moer viravam farinha. O poder sem limites não evitara a guerra, mas suas trapalhadas econômicas quebraram o único engenho da cidade, surgido após o conflito, deixando, na pior, estivadores, operadores, moleiros. Logo o imóvel passara a ser refúgio de malandro, vagabundo, meliante: se fosse no período da guerra a Pararaca, eles não dariam bobeira num edifício bizarro como aquele.

Agora, na parte externa de uma casa minúscula, o filho notara a presença de uma lavadeira: ela estava batendo roupa num tanque. A trouxa rente à perna parecia não espantá-la. Ela usava avental e o seu boné desbotado apresentava o slogan de propaganda eleitoreira fajuta. Tinha criança sentada no assoalho, com nariz escorrendo; a lavadeira agachasse, limpa-o com rudeza: a pequena começa a chorar. Na guerra muitas crianças ficaram órfãs e não havia meio de consolá-las.

Pais também perderam suas filhas e choravam como crianças órfãs. A moça, de cor trigueira, era menor e muito formosa. O comandante pararacaense a queria de qualquer maneira. Mandara levá-la à sua presença: ele se encontrava no camarote de um navio. O pai não a deixara ir sozinha; aos subalternos o comandante malfazejo ordenara que o desembarcassem. A moça ficaria a bordo: agora ela seria namorada dele. O pai entrara em desespero, porque ele sabia que, lá em Pararaca, o comandante varonil já era amancebado e, além disso, dono de várias casas de prostituição. No

pós-guerra, na cidade civilizada, ali, na zona meretrícia, o proprietário de um dos bordéis seria empresário de destaque regional, um probo das colunas sociais e promotor de afreguesado safári pela vastidão dum pântano; a dona de um outro bordel teria assento perene no tribunal do júri; um cafetão, globalizado, bilíngue, já presidira, no começo do século XXI, uma associação filantrópica que ajudava meninos e meninas de rua. Soldados pararacaenses, que estranharam a mãe não ter comparecido a bordo para lutar pela guarda da filha, jogaram então aquele pai fronteiriço dentro d'água: ribeirinhos o socorreram; nunca mais ele tivera notícia da sua pequena. O filho ouvira falar que milhares de crianças morreram também durante a guerra; muitas, de uma só vez, como num dia qualquer de agosto, quando um exército formado por crianças e adolescentes pararacaenses fora aniquilado pelas tropas da Trífida Coalizão da Dubiedade. Teve um combatente aliado, um soldado achamboado, que desabafara: “Era até chato ficar atirando naquelas criaturinhas”.

Abusadoras e presunçosas, nessa etapa da guerra, as nações empenhadas no conflito já brincavam de arma na escuridão, o que, geralmente, provocava grandes catástrofes; os comandantes militares não esboçavam nenhum ar de culpa com as baixas humanas.

Trecho de *Um Rio, Uma Guerra*
(Kan Editora, 2016)

O estranho

Suelen Trevizan

Dentro de uma galeria comercial, dessas que cortam prédios ligando duas avenidas, descobri uma pequena lanchonete. Deve ser suja — não era. Então deve ser cara — também não era. Fiquei. Pedi pão de queijo e laranjada e me acomodei a uma mesa de canto, de frente para a porta.

O movimento das pessoas atravessando a galeria era incontabilizável. Eram rostos sérios, carrinhos de bebês puídos, sacolas plásticas usadas para fins não comerciais. Embora estivesse deserta assim que entrei, a lanchonete foi se enchendo enquanto eu esperava meu lanche. Vi, de rabo de olho, um moço de barba completamente fechada, mas de olhos ainda infantis, sem um pingão de cinismo. Noutra mesa, um senhor de cabeça perfeitamente redonda, tão grande e desajeitado com seu terno maior ainda. Todos, conforme tinham seus pedidos atendidos, sentavam sozinhos, ruminando esfihas, bolinhos, mistos, sanduíches sortidos. Logo, porém, fui flagrada nessa posição indiscreta e, como não me responderam com sorrisos amistosos, eu própria baixei meus olhos para o pão de queijo e a laranjada, que tinham finalmente chegado.

Sentia, por dentro, a massa gordurosa preenchendo a barriga e, por fora, a clientela me envolvendo indistinta. Ouvi passos vindos direto para minha mesa. Alguém parou bem atrás de mim, eu intuía um par de olhos fixos nas minhas costas, decerto era um amigo que me pregaria uma brincadeira. Nada aconteceu, comecei a ficar tensa. O sujeito avançou para a cadeira à minha frente, também parecia tenso, sentou-se e disse:

— Sempre sento aqui — e se entregou ao seu x-salada.

Atestei que não se tratava de um conhecido, apesar de se parecer com as pessoas com quem convivo: trinta e poucos anos, cabelo loiro-ninho, óculos Lennon, mochila de escalada a tiracolo. Esperei que ele fizesse algo louco, como me encarar ou até mesmo conversar. O fato é que ele não ligava, apenas comia seu lanche, muito satisfeito.

Matei meio copo de suco num gole, paguei a conta e saí pensando naquele estranho. Ele chega bem perto, parece ainda mais estranho, fica difícil amá-lo assim. Saí da galeria, a luz da rua me cegou por uns instantes. Relembrei os assuntos que tinha para resolver.

Da sauna à ilha: Ivan Correa

da Redação

Se o autodidata é um ser que percorre caminhos heterodoxos, Ivan Correa poderia entrar numa nova ordem, a dos músicos que nem ligam mesmo para determinados *caprichos* teóricos. “Pra mim, a música é pura intuição e persistência. Nunca fiz aula de música, sou analfabeto musical na teoria. De tanto ouvir e praticar, acabei desenvolvendo e aprimorando um autodidatismo maluco. Muitos dos acordes que eu faço eu sequer sei o nome”.

Aos seis anos, Ivan já tentava imitar o Pavarotti e cantava Chitãozinho & Xororó pra família. “Aos domingos pela manhã eu assistia com meu avô os programas da Inezita Barrozo na TV Cultura, onde tive meus primeiros contatos com a música sertaneja de Tião Carreiro & Pardinho, Liu & Léo, Tônico & Tinoco, entre outros”, relembra.

Aos doze anos, o cantor ganhou do avô o primeiro violão. A primeira música aprendida: “Don’t Cry”, do Guns N Roses. “Nessa fase da vida eu já tava rock & roll e heavy metal. Ganhei minha primeira guitarra logo em seguida e comecei a tirar de ouvido grandes riffs de Black Sabbath, Iron Maiden. Mas a experiência foi decepcionante”. Até que um dia Ivan ganhou uma daquelas revistinhas de cifras e imediatamente saiu tocando e cantando “É preciso saber viver”, do Roberto Carlos. “Isso me deu um gás de ânimo e daí pra frente a música virou rotina. Minha primeira banda era de hardcore e tocava Bad Religion, Millencolin, NOFX, Misfits. Depois tive banda de reggae, fiz covers de

Rage Against The Machine, emendei carreira sertaneja...”

As referências musicais de Ivan, de fato, são diversas: Queen, Skid Row, Whitesnake, Bob Marley, Facção Central, Cartola, Adoniran Barbosa, Luiz Gonzaga. E se a trajetória musical de Ivan é heterodoxa, também são seus caminhos geográficos. O músico já morou em Sorocaba, Londrina, São Paulo e Florianópolis. Hoje reside em Balneário Camboriú. No meio de tudo isso, Curitiba. “Me mudei em 2010 com a intenção de administrar uma empresa própria e abandonar a vida musical que me dava retorno financeiro, mas sempre tive medo da instabilidade, queria viver uma vida ‘normal’. Mas, no primeiro mês, uma pessoa me viu tocando e me convidou pra tocar em um evento ‘particular’”, relembra o músico.

A fase mais festiva de Ivan começou quando alguns proprietários de casas e bares LGBT gostaram do seu trabalho. “Ao menos, é o que eu acho. Toquei durante um ano numa sauna gay, de frente para vaaários homens de toalha”. E mais: Ivan tocou, dali em diante, em zona de luxo, zona bagaceira, chá de bebê, formaturas, casamentos. “Acredito que tudo isso tenha sido o suficiente pra me preparar a qualquer tipo de evento. Atualmente, faço uma média de quatro eventos por semana, com shows marcados no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Balneário Camboriú, temporada na Ilha do Mel, onde, inclusive, vou gravar meu primeiro dvd ao vivo, um acústico”, completa.



Divulgação

facebook.com/icmusica

ivancorrea.com.br



O rádio e a música em Titi Barros

da Redação



Divulgação

O jornalista e músico Titi Barros é desses personagens do meio cultural que já viveu e viu muita coisa na estrada. Um dos integrantes da banda Mundo Livre FM, Titi apresenta o programa Jam Session. Por lá, ele recebe diversos músicos de Curitiba e eventualmente artistas nacionais para releituras de grandes clássicos. Ao todo, Titi toca em seis bandas, com projetos que vão de tributos ao Kiss, The Police e Rush, além de projetos autorais com Vivotrio e B.E.T. 3.

Titi começou a carreira como jornalista esportivo, levando o futebol local a um modelo único de transmissão na 91 Rock no início dos anos 2000. Durante os jogos, era comum, por exemplo, tocar riffs de Led Zeppelin e AC/DC. “Comecei minha vida musical aos oito anos, quando eu e meu irmão ganhamos uma guitarra. Meu pai era músico e nos incentivou muito nos nossos primeiros passos”, lembra.

O músico curitibano dá aulas de música para crianças por meio de métodos não muito convencionais. “Não ensino a criança a ler partituras, mas sim a tocar o que ela quer saber tocar, o que realmente gosta. Dá certo e é um processo de aprendizado muito legal”, defende.

“A música é pra curar a alma. Está

provado que o cérebro funciona melhor com ela. Eu já cansei de tocar com febre e, quando subi ao palco, a febre passou”, afirma. “A música é terapia. Tá estressado, toque um instrumento”.

Titi é um frequentador assíduo do Bardo Tatára, participando eventualmente de jam sessions. “O Tatára é demais. Ele dá oportunidade para diversos músicos apresentarem seu trabalho. É uma coisa única no Brasil. Se esse bar estivesse no eixo Rio-São Paulo, o Tatára só andaria com os bambas da música popular brasileira”, acredita o músico, que sonha, um dia, tocar com Djavan. “Também seria incrível tocar com a Rita Lee. Ela é o máximo”. A lista não é curta e ainda tem Barão Vermelho, Kiss, Stevie Wonder, Sting, entre outros.

“Curitiba tem músicos de muita qualidade. Falta, sim, por aqui, uma grande gravadora e um grande estúdio com influência no eixo Rio-SP, para levar o que é bem feito para mais ouvintes”, avalia. Para 2017, Titi planeja finalizar seu primeiro disco, apenas com músicas autorais e diversos convidados. “Vai ter de heavy metal até música popular brasileira. Pretendo mostrar um bom tanto do meu ecletismo musical”, completa.



mundolivrefm.com.br

facebook.com/mundolive.com

facebook.com/titi.barros.71

A geração da utopia – o naufrágio das ideologias

Daniel Osiecki

O teórico e crítico literário português Boaventura de Souza Santos, no artigo *Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade*, usa a metáfora dos dois enigmáticos personagens shakespearianos para referir-se ao colonizador e ao colonizado. Considerando que o Próspero colonizador português nunca é totalmente um Próspero, Santos se refere a ele como “próspero calibanizado”.

Dentro dos estudos culturais e de identidade, a metáfora abrange desde questões da formação da identidade social até a formação de uma identidade cultural, artística, geralmente híbrida; identidade(s) essa(s) que nunca serão assimiladas ou aceitas de forma pacífica. O choque entre a pós-colonização e a colonização interna é muito evidente nos países que conquistaram sua independência nas últimas décadas, como as ex-colônias portuguesas na África, como Cabo-Verde, Moçambique e Angola. Há de se perceber os dois vieses da acepção pós-colonial: o período histórico que sucede à independência da colônia, e o conjunto de práticas e discursos (cultural, político, ideológico etc.) que busca alterar o *status quo* do colonizador pelo seu próprio, causando uma ruptura com o que Santos chama de “narrativa do colonizador”.

Muitos destes elementos tão presentes nos estudos literários e culturais são explorados por escritores africanos contemporâneos, como Mia Couto, Germano Almeida, José Eduardo Agualusa, Ondjaki e Pepetela, entre outros. Pepetela, pseudônimo de Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos, é um dos escritores africanos mais relevantes de sua geração,

com obras traduzidas em diversos idiomas. Pepetela nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Durante o exílio em Argel formou-se em Sociologia. Foi guerrilheiro e um dos membros fundadores do MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola. Depois da independência foi ministro da educação durante sete anos. A partir do início dos anos 1980, dedicou-se à literatura e ao ensino superior. Publicou muitos romances, entre eles *As aventuras de Ngunga* (1972), *Muana Puó* (1978), *Mayombe* (1980), *A geração da utopia* (1992) e mais recentemente *Se o Passado não tivesse asas* (2016).

Seu trabalho mais importante, *A geração da utopia*, é um mosaico sobre momentos na história recente de Angola. O romance é dividido em quatro partes: *A Casa* (1961), *A Chana* (1972), *O Polvo* (1982) e *O Templo* (1991). É interessante ressaltar que, embora haja um enfoque mais minucioso sobre duas personagens, Sara e Aníbal, *A geração da utopia* não tem um protagonista. O romance não chega a ser considerado, como definiu Eduardo Lourenço, uma narrativa atmosférica, ou seja, uma narrativa na qual o espaço é fundamental na construção estilística, mas a passagem do tempo e as mudanças, tanto as pessoais quanto as políticas e ideológicas, são o leitmotiv da obra.

No primeiro capítulo, *A Casa*, nos deparamos com a situação dos jovens imigrantes africanos que estão em Lisboa para estudar. Geralmente, são filhos de médicos, advogados e empresários de Angola que seguem a tradição de absorver e/ou deglutir conhecimento do colonizador (próspero) para voltar para África e

continuar uma espécie de colonização interna. Neste primeiro capítulo vê-se uma gama bastante significativa de personagens, a maioria estudantes sonhadores e rebeldes que participam de movimentos sociais e manifestações pró-independência. É curioso notar que esses imigrantes não eram considerados portugueses mesmo alguns deles sendo brancos de classe média, e mais curioso ainda são as divisões entre os próprios imigrantes; os negros moçambicanos não se misturavam com os brancos angolanos; os negros angolanos não se misturavam com os brancos cabo-verdeanos e assim sucessivamente.

O capítulo *A Casa*, referência à república na qual muitos destes estudantes viviam, têm muitas vozes que permeiam um ambiente claustrofóbico. Por mais que a *Casa* seja um microcosmo e haja algumas manifestações dos estudantes e embates com a polícia, o ambiente é rarefeito, obscuro, brumoso, envolto a uma atmosfera de medo, frustrações e delações. É nesse capítulo em que os estudantes, ainda um tanto ingênuos e idealistas, tecem as primeiras considerações sobre o MPLA, a Guerra no Vietnã, os Panteras Negras e tantas outras referências do início dos anos 1960.

Diferente do primeiro capítulo, o segundo, *A Chana*, é uma espécie de solilóquio interminável de Aníbal, talvez o personagem mais relevante da narrativa. Aníbal, conhecido como “o Sábio”, era o único entre os estudantes da *Casa* que tinha treinamento militar e era não só um idealista, mas um guerrilheiro que acreditava na causa da independência. Aníbal foi convocado pelo exército português

para lutar na guerra colonial e torna-se um desertor, recusando-se a lutar contra seus conterrâneos.

É nesse segundo capítulo em que se tem a noção do que foi a guerra e todas as suas privações: fome, sede, medo, morte e todos os horrores de uma guerra que Aníbal começa a questionar. E por mais que o espaço seja a chana (uma espécie de caatinga), um lugar aberto, a atmosfera é ainda mais rarefeita do que no capítulo anterior.

Os dois outros capítulos que seguem servem como a derrocada das ilusões e anseios da juventude. O terceiro capítulo, *O Polvo* (1982), se passa em plena guerra civil em Angola e nos deparamos com um Aníbal recluso, amargo e solitário. O polvo é uma referência metafórica a um imenso polvo que Aníbal tentava caçar diariamente e que o mantém vivo. Novamente, é um capítulo voltado ao Sábio, mas aqui há mais rupturas em seus devaneios e divagações com diálogos diretos com personagens secundários, como Ximbulo e sua família, seus vizinhos mais próximos. Há o reencontro com Sara e uma espécie de acerto de contas com fantasmas do passado, dos tempos em que se conheceram em Lisboa, há vinte anos.

O último capítulo, *O Templo* (A partir de julho de 1991), é o mais melancólico de todo o romance. Aqui, Pepetela não poupa críticas aos falsos moralistas, aos falsos revolucionários, aos demagogos que agora estão no poder. O título faz referência ao surgimento de uma nova religião trazida a Angola por um velho conhecido dos tempos da *Casa*, em Lisboa, Elias. Há de se

Curral das bestas

Rodrigo Novaes de Almeida

mencionar outros dois personagens importantes, Malongo, ex-namorado de Sara e pai de sua filha, que nunca se engajou politicamente, e Vitor, ex-revolucionário que agora é ministro, poderoso e corrupto.

Esse último capítulo descreve os arranjos e acertos entre o estado e a nova religião, Dominus, como o naufrágio de todas as ilusões e ideologias dos jovens revolucionários do passado. Os únicos que se mantiveram fora desse meio nefasto de trocas de favores e fraudes em licitações foram Aníbal e Sara, que agora têm um relacionamento esporádico. Temos também a questão da colonização interna, que, segundo Boaventura de Souza Santos, é o domínio de uma classe social sobre a outra, dentro do próprio espaço sem interferência externa. O maior exemplo disso é Malongo, agora empresário rico e poderoso, que age como um senhor feudal, oprimindo e humilhando seus empregados e a população como um todo. Personagem síntese dessa fase de reconstrução de Angola pós-guerra civil, Malongo simboliza tudo que há de ruim e mesquinho na sociedade atual. Ele e Vitor tornaram-se tão escroques e inescrupulosos quanto os portugueses colonizadores contra os quais lutaram há trinta anos.

Há em *A geração da utopia*, principalmente neste último capítulo, o endosso da tese de um Próspero calibanizado, ou seja, a burguesia e a classe média angolana se tornaram exatamente iguais aos seus antigos colonizadores do passado. Esse tom de melancolia e perda dos ideais faz da obra o romance mais relevante sobre a independência de Angola.

Tudo aconteceu bem rápido. Em um ano, a humanidade estava extinta. Começou num jogo de futebol no Maracanã. Era um Fla X Flu. Torcedores do time rubro-negro encontraram um rapaz perdido na arquibancada. O coitado errara o acesso e fora parar no meio da torcida adversária. Embora não estivesse com a camisa do tricolor, dava toda pinta, muito arrumadinho, muito assustado. Juntaram o coitado, deram-lhe uma surra. Mas não pararam nisso. Curraram o rapaz diante do estádio todo. Em minutos, a pandemia se espalhou. Aquela noite foi chamada de “Sodomaraca”, e não teve para onde as câmeras de tevê não apontassem, eram porrada e sodomia generalizadas. Milhares de corpos esfaçalhados. A pandemia saiu do estádio com as poucas centenas de sobreviventes — os mais fortes, apesar de bastante estropiados também. Três dias depois, a cidade do Rio estava em quarentena. Ninguém entrava e não havia praticamente ninguém para sair. Praticamente... As mulheres foram as primeiras a morrer, apesar de a pandemia se espalhar somente

entre os homens. Foram todas elas atacadas, estupradas e assassinadas. Depois os homens. Os mais fortes arregaçando o rabo dos mais fracos. Uma semana depois, a peste já se espalhou pelas cidades vizinhas. Um mês depois, o país inteiro estava completamente tomado. Milhões de mortos. Mas morrer era a melhor coisa que poderia acontecer às pessoas naquelas circunstâncias. O problema era encarar o que acontecia antes. Era o inferno, naturalmente. A peste chegou à Argentina e logo se espalhou pelo continente. Em três meses, as Américas, a Europa, a Ásia e Oceania foram devastadas, varridas. Em seguida, a África, quase esquecida, como por engano. Um ano após aquele fatídico Fla X Flu, não havia um ser humano vivo sobre a face da Terra. O último a cair fora Gengis Khan. Depois de estuprar três mil e sessenta e seis mulheres e currar mil e dezenove homens, morreu de paudurência.

Do livro de contos *Carnebruta* (Ed. Oito e Meio e Ed. Apicuri, 2012)

a solidão

Lubi Prates

hábito em
preto & branco
veste e
basta-me.